

Boneshaker

Cherie Priest

Tradução

Fábio Fernandes

Editora Underworld

Minas Gerais, 2010



Este aqui é para a Equipe Seattle –

Mark Henry, Caitlin Kittredge,

Richelle Mead e Kat Richardson –

pois eles são o coração e a alma deste lugar.

Agradecimentos

Este livro requer muitas rodadas de agradecimentos, então, por favor, permitam-me fazer uma lista.

Obrigada à minha editora, Liz Gorinsky, por suas habilidades excepcionais, pela paciência incrível e pela determinação sem igual; obrigada à equipe de publicidade da Tor, especificamente Dot Lin e Patty Garcia, ambas as quais são igualmente sensacionais; obrigada à minha agente sempre incentivadora e incansável, Jennifer Jackson.

E obrigada à equipe de casa também – em particular, meu marido, Aric Annear, que é sujeito à maioria dessas histórias em excruciante riqueza de detalhes para dissecação antes mesmo que elas estejam terminadas; à minha irmã Becky Priest, por ajudar a escanear todas as minhas provas de revisão e documentações; a Jerry e Donna Priest, por serem meus principais torcedores; e à minha mãe, Sharon Priest, por me manter humilde.

Um obrigado vai para a supracitada Equipe Seattle, e aos nossos amigos Duane Wilkins, da livraria da Universidade de Washington, e o incomparável Synde Korman da Barnes

& Noble do centro da cidade. Por falar na Barnes & Noble, também mando meu carinho e meus agradecimentos a Paul Goat Allen. Ele sabe por quê.

E mais agradecimentos devem ser dispensados generosamente à minha licantropa favorita, Amanda Gannon, por me deixar usar seu nome de LiveJournal como nome de um dirigível (ela é a original *Naamah Darling*); aos guias da excursão Seattle Subterrânea, que sempre viviam me oferecendo um emprego por conta das tantas vezes que fiz o passeio; e à minha velha amiga Andrea Jones e seus Suspeitos de Sempre, porque ela sempre me cobriu historicamente – e me oferece as *melhores* frases para usar como citações. Obrigada também a Talia Kaye, a incrivelmente solícita bibliotecária amante de ficção especulativa do Salão Seattle da Biblioteca Pública de Seattle; a Greg Wild-Smith, meu intrépido webmaster; a Warren Ellis e a todos do clube; e a Ellen Milne, por todos os cookies.

Nesta era de invenção, a ciência das armas fez um grande progresso. Na verdade, as invenções mais notáveis têm sido criadas desde as guerras prolongadas da Europa no começo do século, e a curta campanha italiana da França em 1859 serviu para ilustrar quão grande poder os engenhos de destruições podem exercer.

- THOMAS P. KETTELL, *História da Grande Rebelião. De seu começo ao seu encerramento, fornecendo um relato de sua origem, A Secessão dos Estados Sulistas, e a Formação do Governo Confederado, a concentração dos recursos Militar e Financeiro do governo federal, o desenvolvimento de seu vasto poder, o levantamento, organização e equipagem dos exércitos e marinhas em guerra; lúcidas, vívidas e acuradas descrições de batalhas e bombardeios, cercos e rendição de fortes, baterias capturadas etc. etc.; os imensos recursos financeiros e medidas abrangentes do governo, o entusiasmo e as contribuições patrióticas do povo, juntamente com esboços das vidas de todos os eminentes estadistas e comandantes militares e navais, com índice completo. Das Fontes Oficiais (1862)*

Bonshaker

De Episódios Improváveis

Na História do Oeste

CAPÍTULO 7: O Peculiar Estado

Murado de Seattle

Obra em Progresso, de

Hale Quarter (1880)

Trilhas não pavimentadas e irregulares fingiam ser estradas; elas uniam as costas da nação como cadarços segurando uma bota, ligando-a com fios cruzados e dedos cruzados. E sobre o grande rio, atravessando as planícies, entre as passagens nas montanhas, os colonos abriram caminho de leste a oeste. Eles passaram pelas Montanhas Rochosas em conta-gotas, aos poucos, em carroções e carruagens.

Ou pelo menos foi assim que começou.

Na Califórnia havia pepitas do tamanho de nozes caídas no chão – ou pelo menos era o que diziam, e a verdade viaja devagar quando boatos têm asas de ouro. O riachinho de humanidade se transformou num magnífico caudal. As reluzentes margens ocidentais ficaram repletas de garimpeiros, tentando a sorte e forçando suas bateias nas correntes cheias de cascalho, rezando para encontrar fortunas.

Com o tempo, a terra foi ficando bem ocupada, e as solicitações por novos terrenos mais tênues. O ouro saía do chão na forma de um pó tão fino que os homens que o escavavam podiam até inalá-lo.

Em 1850, outro boato, dourado e alado, veio voando ligeiro do norte.

O Klondike, ele dizia. Venham e cortem o gelo que encontrarem por lá. Uma fortuna em ouro aguarda o homem que for determinado o bastante.

A maré virou na direção das latitudes setentrionais. Isso significava coisas muito, muito boas para a última parada antes da fronteira com o Canadá – uma cidadezinha de serralherias em Puget Sound chamada Seattle, em homenagem ao chefe nativo das tribos locais. O vilarejo lamacento se tornou um pequeno império quase da noite para o dia, quando exploradores e garimpeiros pararam ali para fazer negócios e se abastecer de suprimentos.

Enquanto legisladores americanos discutiam se compravam ou não o território do Alasca, a Rússia reduziu seus riscos e considerou o preço que pedia. Se a terra estava mesmo repleta de depósitos de ouro, o jogo mudava completamente; mas mesmo que um suprimento constante de ouro pudesse ser localizado, poderia ser retirado? Um veio potencial, avistado de modo intermitente mas em grande parte soterrado por baixo de trinta metros de gelo permanente, daria um local de sepultamento ideal.

Em 1860, os russos anunciaram um concurso, oferecendo um prêmio de 100.000 rublos ao inventor que conseguisse produzir ou propor uma máquina que pudesse minerar o gelo à procura de ouro. E, assim, uma corrida armamentista científica começou, apesar de uma guerra civil que se iniciava então.

Ao longo do Noroeste do Pacífico, máquinas grandes e pequenas foram aos poucos sendo inventadas. Eram coisas engenhosas feitas para suportar o mais duro frio e o desgaste numa terra congelada que era dura como diamante. Eram movidas a vapor e carvão, e lubrificadas com soluções especiais que protegiam seus mecanismos dos elementos. Essas máquinas eram feitas para homens dirigirem como carruagens, ou

projetadas para escavarem por conta própria, controladas por engenhosos dispositivos mecânicos de orientação.

Mas nenhuma deles era resistente o bastante para chegar até o veio enterrado, e os russos estavam a ponto de vender a terra aos Estados Unidos por um preço que era praticamente uma pechincha... quando um inventor de Seattle os abordou com planos para uma máquina fantástica. Ela seria o maior veículo de mineração já construído: quinze metros de extensão e inteiramente mecanizada, movida a vapor comprimido. Ela exibiria três cabeças primárias de perfuração e corte, posicionadas na frente do aparelho; e um sistema de dispositivos de escavação espiralados montados ao longo das partes de trás e dos lados tiraria o gelo perfurado, rochas ou terra do caminho da perfuratriz. Cuidadosamente pesada e meticulosamente reforçada, essa máquina podia perfurar em um caminho vertical ou horizontal quase perfeito, dependendo dos caprichos do homem que estivesse no banco do motorista. Sua precisão seria sem precedentes, e seu poder definiria o padrão para todos os dispositivos que viriam depois.

Mas ela ainda não havia sido construída.

O inventor, um homem chamado Leviticus Blue, convenceu os russos a lhe adiantarem uma soma grande o bastante para reunir as peças e financiar os trabalhos da Incrível Máquina Perfuratriz Treme-Terra do Dr. Blue. Ele pediu seis meses, e prometeu uma exibição pública de teste.

Leviticus Blue pegou seu financiamento, retornou para sua casa em Seattle e começou a construir a notável máquina em seu porão. Peça a peça, ele montou o dispositivo longe das vistas dos moradores de sua cidadezinha; e noite após noite os sons de misteriosas ferramentas e instrumentos assustavam seus vizinhos. Mas, no fim

das contas, e bem antes do prazo de seis meses chegar ao fim, o inventor declarou sua obra-prima “completa”.

O que aconteceu em seguida continua sendo tema de muitas discussões.

Pode ter sido apenas um acidente, afinal – um terrível defeito de funcionamento, um equipamento totalmente descontrolado. Pode não ter sido nada além de confusão, ou de erro de cronometragem, ou cálculos malfeitos. Ou, pensando bem, pode ter sido um movimento calculado, afinal, traçado para derrubar o núcleo de uma cidade com uma violência sem precedentes e ganância mercenária.

O que motivou o Dr. Blue talvez jamais se saiba.

Ele era um homem avaro à sua maneira, mas não mais do que a maioria das pessoas; e é possível que ele quisesse apenas pegar o dinheiro e fugir – com um pouco de dinheiro em espécie no bolso para financiar uma escapada em maior escala. O inventor havia se casado recentemente (como não cansavam de falar as línguas mais apressadas, a noiva era vinte e cinco anos mais nova), e muito se especulava sobre a possibilidade de que talvez ela exercesse uma influência em suas decisões. Talvez ela tivesse exigido pressa ou quisesse se ver casada com um marido mais rico. Ou, quem sabe, como ela sempre sustentou, não soubesse nada de nada.

O que se sabe ao certo é o seguinte: na tarde de 2 de janeiro de 1863, uma coisa assustadora irrompeu do porão e saiu deixando um rastro de caos desde a casa em Denny Hill até o distrito comercial no centro, voltando depois à casa.

Poucas testemunhas concordam umas com as outras, e menos ainda conseguiram ter um vislumbre da Incrível Máquina Treme-Terra. Seu curso a levou por debaixo da terra, sob as colinas, cavoucando a terra embaixo das luxuosas casas de marinheiros

ricos e magnatas do transporte marítimo, sob os lamaçais onde ficava a enorme serralheria, e descendo pelos corredores, porões e despensas de armazéns gerais, lojas de produtos para senhoras, boticas, e, sim... os bancos.

Quatro dos maiores, que ficavam enfileirados um ao lado do outro – todos esses quatro bancos foram devastados quando suas fundações foram esmagadas até virarem polpa. Suas paredes tremeram, cederam, e desabaram. Seus chãos caíram numa implosão em forma de V quando suas fundações caíram, e então o espaço foi parcialmente preenchido com os tetos que desabaram. E esses quatro bancos tinham três milhões de dólares ou mais, somados, acumulados dos mineiros da Califórnia que depositavam ali suas pepitas e iam para o norte em busca de mais.

Dezenas de passantes inocentes foram mortos enquanto aguardavam na fila para fazer um depósito ou um saque. Muitos mais morreram do lado de fora, na rua, esmagados pelas paredes trêmulas, quando, inclinando-se, se desprenderam de sua argamassa e despencaram com toda a força.

Os cidadãos clamaram por segurança, mas onde ela podia ser encontrada? A própria terra se abria e os engolia, aqui e ali onde o túnel da Máquina Perfuratriz era raso demais para manter até mesmo a crosta mais fina de terra. A rua tremia, rolava, subia e descia como um tapete sendo sacudido antes de ser batido para limpeza. Ela se movia com força de um lado para o outro, e em ondas. E para onde quer que a máquina tivesse ido, ouviam-se os sons de desmoronamento e perfuração das passagens subterrâneas deixadas pela sua passagem.

Chamar a cena de desastre presta a ela um terrível desserviço. A contagem final de mortos nunca foi inteiramente calculada, pois só Deus sabe quantos corpos poderiam

estar esmagados por entre os escombros. E, infelizmente, não havia tempo para escavações.

Porque, depois que o Dr. Blue voltou a alojar a máquina embaixo de sua própria casa, e depois que os feridos foram tratados, e as primeiras perguntas indignadas começaram a ser gritadas de cima dos telhados remanescentes, uma segunda onda de horror começaria a afligir a cidade. Foi difícil para os residentes de Seattle concluir que essa segunda onda não tinha relação com a primeira, mas os detalhes de suas suspeitas jamais foram explicados para a satisfação coletiva de ninguém.

Apenas os fatos observáveis podem ser registrados agora, e talvez com o tempo um futuro estudioso possa fornecer uma resposta melhor do que a que no presente momento pode ser pressuposta.

O que se sabe é isto: após a surpreendente trilha de destruição da Máquina Perfuratriz, uma doença peculiar afligiu os trabalhadores da reconstrução que estavam mais próximos dos destroços nos quarteirões dos bancos. Por todos os relatos, essa doença acabou sendo rastreada até os túneis cavados pela Máquina Perfuratriz, e a um gás que saía deles. No começo, esse gás parecia inodoro e incolor, mas com o tempo ele se acumulou a um ponto tal que podia ser enxergado pelo olho humano, se visto através de um pedaço de vidro polarizado.

Através de tentativa e erro, algumas características particulares do gás foram determinadas. Ele era uma substância espessa, que se movia lentamente e matava por contaminação, e seu avanço podia geralmente ser detido ou retardado por simples barreiras. Medidas de interrupção temporária despontaram por toda a cidade enquanto uma evacuação era organizada. Tendas eram desmontadas e tratadas com piche para formar muros improvisados.

À medida que essas barreiras foram caindo, um anel de proteção de cada vez, e à medida que outros tantos milhares de habitantes da cidade caíam fatalmente doentes, medidas mais rigorosas eram aplicadas. Planos foram concebidos e executados às pressas, e um ano depois do incidente com a Incrível Máquina Perfuratriz Treme-Terra do Dr. Blue, toda a região do centro da cidade estava cercada por um imenso muro de tijolos, argamassa e pedra.

O muro tem aproximadamente sessenta metros de altura – dependendo dos vários acidentes geográficos da cidade – e tem uma média de espessura de quatro metros e meio a seis metros. Ele cerca inteiramente os bairros destruídos, contendo uma área de quase cinco quilômetros quadrados. É verdadeiramente uma maravilha da engenharia.

Entretanto, no interior desse muro a cidade apodrece, profundamente morta a não ser pelos ratos e corvos que, dizem os boatos, vagam por lá. O gás que ainda mana do chão arruína tudo aquilo que toca. O que um dia foi uma metrópole fervilhante hoje é uma cidade fantasma, cercada pela população sobrevivente que se realocou. Essas pessoas são fugitivas de sua cidade natal, e embora muitas delas tenham se mudado para Vancouver, mais ao norte, ou para Tacoma ou Portland, ao sul, um número significativo permaneceu próximo ao muro.

Elas vivem nos lamaçais e encostadas às colinas, em uma não-cidade que cresce cada vez mais e que costumam chamar de Arredores; e, lá, eles recomeçaram suas vidas.

Um

Ela o viu, e parou a poucos metros das escadas.

- Desculpe – ele se apressou a dizer. – Não queria assustar a senhora.

A mulher de sobretudo preto fosco não piscou e não se mexeu. – O que o senhor quer?

Ele havia preparado um discurso, mas não conseguia se lembrar dele. – Conversar. Com a senhora. Eu quero conversar com a senhora.

Briar Wilkes fechou os olhos com força. Quando voltou a abri-los, perguntou? – É sobre Zeke? O que foi que ele fez agora?

- Não, não, não é sobre ele – o homem insistiu. – Madame, eu estava esperando que pudéssemos falar sobre seu pai.

Os ombros dela perderam os ângulos retos defensivos e rígidos, e ela balançou a cabeça. – Faz sentido. Eu juro por Deus, todos os homens da minha vida, eles... – Parou de falar. E então disse: - Meu pai era um tirano, e todos que ele amava o temiam. É isso o que o senhor quer ouvir?

Ele continuou onde estava enquanto ela subia os onze degraus tortos que levavam até sua casa, e até ele. Quando chegou à varanda estreita, ele perguntou: - É verdade?

- Não posso dizer que não seja.

Ela ficou parada diante dele segurando um molho de chaves. O tampo da cabeça dela batia no queixo dele. As chaves dela estavam apontadas para a cintura dele, ele pensou, até perceber que estava na frente da porta. Saiu de banda e deu passagem para ela.

- Há quanto tempo o senhor estava esperando por mim? – ela perguntou.

Ele considerou fortemente a possibilidade de mentir, mas ela o pregou na parede com seu olhar. – Várias horas. Eu queria estar aqui quando a senhora chegasse em casa.

A porta estalou com o barulho da chave na fechadura e se abriu para dentro. – Fiz um turno extra na oficina. O senhor podia ter voltado mais tarde.

- Por favor, madame. Posso entrar?

Ela deu de ombros, mas não disse que não, e não fechou a porta na cara dele no frio, então ele foi atrás dela, fechando a porta e ficando ao seu lado enquanto Briar encontrava um lampião e o acendia.

Ela carregou o lampião até a lareira, onde os troncos haviam apagado e estavam frios. Ao lado da moldura havia um atiçador, um conjunto de foles e uma cesta de ferro com vários troncos cortados. Ela pegou o atiçador, usou-o para futucar entre os tocos esturricados e encontrou uns carvões acesos descansando no fundo.

Com um pouco de incentivo gentil, um punhado de palha seca e mais duas braçadas de madeira, uma chama lenta pegou e se manteve.

Um braço de cada vez, Briar retirou o sobretudo e o pendurou num gancho de parede. Sem o casaco, seu corpo tinha um aspecto mais para o magro – como se ela

trabalhasse demais, e comesse de menos ou mal. Suas luvas e suas botas marrons de cano alto estavam cobertas com a sujeira da usina, e ela vestia calças como um homem. Seus cabelos compridos escuros estavam presos para cima e para trás, mas dois turnos de trabalho o haviam desalinhado, e mechas pesadas haviam se espalhado, escapando aos pentes que ela usava para mantê-lo preso.

Ela tinha trinta e cinco anos, e não parecia nem um minuto mais jovem.

Em frente ao fogo cada vez maior e mais brilhante havia uma antiga poltrona de couro. Briar desabou sobre ela. – Diga-me, Sr... Desculpe. O senhor não disse seu nome.

- Hale. Hale Quarter. E devo dizer que é uma honra conhecê-la.

Ela estendeu a mão até uma mesinha ao lado da poltrona e pegou uma bolsinha. – Está certo, Hale Quarter. Diga-me. Por que o senhor esperou tanto do lado de fora neste tempo de amargar? – De dentro da bolsinha ela tirou um pedacinho de papel e uma pitada grande de tabaco. Ela enrolou os dois juntos até produzir um cigarro, e usou a chama do lampião para acendê-lo.

Ele havia chegado até ali dizendo a verdade, então arriscou mais uma confissão. – Eu vim quando soube que a senhora não estaria em casa. Alguém me disse que, se eu batesse, a senhora daria um tiro pelo buraco da fechadura.

Ela assentiu, e pressionou a cabeça contra o encosto de couro da poltrona. – Eu também já ouvi essa história. Ela não afasta tantas pessoas como o senhor poderia imaginar.

Ele não sabia dizer se ela estava falando a verdade, ou se a resposta dela significava que não. – Então eu lhe agradeço duplamente, por não atirar em mim e por me deixar entrar.

- De nada.
- Posso... posso me sentar? Isso seria apropriado?
- Fique a vontade, mas o senhor não vai ficar muito tempo – ela previu.
- A senhora não quer falar?

- Eu não quero falar sobre Maynard, não. Não tenho nenhuma resposta sobre nada que aconteceu a ele. Ninguém tem. Mas pode perguntar o que quiser. E pode se retirar quando eu me cansar do senhor, ou quando o senhor se entediar de todas as maneiras que eu puder dizer “Não sei” – o que vier primeiro.

Sentindo-se incentivado, ele pegou uma cadeira de madeira de espaldar alto e arrastou-a para frente, colocando seu corpo diretamente na linha de visão dela. Seu caderno de notas se abriu para revelar uma folha sem pauta, com umas poucas palavras rabiscadas no alto.

Enquanto ele começava a se situar, ela lhe perguntou? – Por que o senhor quer saber algo sobre Maynard? Por que agora? Ele morreu há quinze anos. Quase dezesseis.

- Por que não agora? – Hale vasculhou sua página de notas anterior, e se acomodou com o lápis posicionado sobre a seção em branco seguinte. – Mas, para responder mais diretamente à senhora, eu estou escrevendo um livro.

- Outro livro? – ela disse, e isso soou rápido e direto.

- Não é uma obra sensacionalista – ele esclareceu cuidadosamente. – Quero escrever uma biografia apropriada de Maynard Wilkes, porque acredito que prestaram um grande desserviço a ele. Não concorda?

- Não, não concordo. Ele conseguiu exatamente o que devia ter esperado. Passou trinta anos trabalhando duro, por nada, e foi tratado sem dó nem piedade pela cidade à qual serviu. – Ela tornou a enrolar a varinha semi-fumada de tabaco. – Ele permitiu que isso acontecesse. E eu o odiei por isso.

- Mas seu pai acreditava na lei.

Ela quase o atacou. – Assim como todo criminoso.

Hale alfinetou. – Então a senhor acredita *realmente* que ele era um criminoso?

Mais uma tragada forte do cigarro, e depois ela falou: - Não distorça minhas palavras: mas o senhor tem razão. Ele acreditava na lei. Houve momentos em que eu não tinha certeza se ele acreditava em alguma coisa além disso, mas sim. Nisso ele acreditava.

Faíscas e fagulhas da lareira preencheram o curto silêncio que se fez entre eles. Finalmente, Hale falou: - Estou tentando fazer a coisa direito, madame. É só isso. Acho que o que aconteceu foi mais do que uma fuga da prisão...

- Por quê? – ela interrompeu. – Por que o senhor acha que ele fez aquilo? Qual é a teoria sobre que o senhor vai escrever no seu livro, Sr. Quarter?

Ele hesitou, porque não sabia o que pensar, não ainda. Apostou na teoria que torcia que Briar fosse achar a menos ofensiva. – Acho que ele estava fazendo o que pensava que fosse o certo. Mas eu realmente quero saber o que *a senhora* acha. Maynard a criou sozinho, não foi? A senhora deve tê-lo conhecido melhor do que qualquer um.

O rosto dela permaneceu um pouco cuidadosamente neutro demais. – O senhor ficaria surpreso. Não éramos assim tão chegados.

- Mas sua mãe morreu...

- Quando eu nasci, isso mesmo. Ele foi o único pai que tive, e não foi lá grande coisa. Ele não sabia o que fazer com uma filha, assim como eu não saberia o que fazer com um mapa da Espanha.

Hale sentiu um muro de tijolos, então recuou e tentou outra aproximação, para ver se conseguia cair nas graças dela. Seus olhos varreram o aposento pequeno com sua mobília sólida e sem adornos, e seus pisos limpos mas riscados. Reparou no corredor que dava para a parte dos fundos da casa. E, de sua cadeira, ele podia ver que todas as quatro portas no final dela estavam fechadas.

- A senhora cresceu aqui, pois não? Nesta casa? – Ele fingiu adivinhar.

Ela não amoleceu. – Todo mundo sabe disso.

- Mas eles o trouxeram para cá. Um dos rapazes da fuga da prisão, e o irmão dele... eles o trouxeram para cá e tentaram salvá-lo. Mandaram buscar um médico, mas...

Briar recuperou o fio pendurado da conversação e o puxou. – Mas ele havia inalado uma dose muito grande da Praga. Morreu antes que o médico recebesse a mensagem, e eu juro – ela bateu algumas cinzas do cigarro na fogueira – foi melhor assim. Pode imaginar o que teria acontecido a ele se ele tivesse sobrevivido? Julgado por traição, ou insubordinação, na melhor das hipóteses. Preso, no mínimo. Fuzilado, na pior das hipóteses. Meu pai e eu tínhamos lá nossas discordâncias, mas eu não teria desejado isso a ele. Foi melhor assim – ela repetiu, e ficou encarando o fogo.

Hale passou alguns segundos tentando preparar uma resposta. Por fim, ele falou:

- A senhora chegou a vê-lo antes dele morrer? Eu sei que a senhora foi uma das últimas pessoas a deixar Seattle...e sei que veio até aqui. A senhora o viu uma última vez?

- Eu o vi – ela assentiu. – Ele estava deitado sozinho naquele quarto nos fundos, em sua cama, sob um lençol encharcado com o vômito que finalmente o sufocou até a morte. O médico não estava aqui, e até onde sei ele jamais chegou. Não sei se sequer era possível encontrar algum, naqueles dias, no meio da evacuação.

- Então, ele estava sozinho? Morto, nesta casa?

- Ele estava sozinho – ela confirmou. – A porta da frente estava quebrada, mas fechada. Alguém o havia deixado na cama, o colocado nela com respeito, disso eu me lembro. Alguém o havia coberto com um lençol, e deixado seu rifle sobre a cama ao lado dele com sua insígnia. Mas ele estava morto, e morto ele continuou. A Praga não o fez voltar a andar, então é preciso agradecer a Deus pelas pequenas coisas, suponho.

Hale anotou isso tudo, murmurando sons de incentivo enquanto seu lápis deslizava pelo papel. – A senhora acha que foram os prisioneiros que fizeram isso?

- O *senhor* acha – ela disse. – Não chegava a ser uma acusação.

- É o que eu suspeito – ele respondeu, mas estava bastante certo disso. O irmão do garoto da prisão lhe dissera que eles haviam deixado a casa de Maynard limpa, e não levaram uma coisa sequer. Disse que eles o colocaram em cima da cama, seu rosto coberto. Esses eram detalhes que ninguém mais havia sequer mencionado, em nenhuma das especulações ou investigações referentes à Grande Fuga da Prisão da Praga. E muito se especulou e se investigou a respeito disso ao longo dos anos.

- E depois... – ele tentou fazer que ela continuasse.

- Eu o arrastei para fora e o enterrei embaixo da árvore, ao lado de seu velho cão. Dois dias depois, dois policiais da cidade chegaram e o desenterraram.

- Para se certificarem?

Ela grunhiu. – Para se certificarem de que ele não havia fugido da cidade e voltado para o leste; para se certificarem de que a Praga não havia feito com que ele começasse a se mexer novamente; para se certificar de que eu o havia colocado onde eu disse que havia. Escolha uma opção.

Ele terminou de caçar as palavras deles com seu lápis e levantou a cabeça. – O que a senhora acabou de dizer, sobre a Praga. Eles sabiam, assim tão rápido, sobre o que ela podia fazer?

- Eles sabiam. Descobriram rápido mesmo. Nem todos os mortos pela Praga começaram a se mexer, mas os que se mexeram se levantaram logo e começaram a sair por aí bem rápido, em poucos dias. Mas, em sua maioria, as pessoas queriam era garantir que Maynard não havia fugido com alguma coisa. E quando se deram por satisfeitos de que ele estava fora do alcance deles, jogaram-no de volta para cá. Nem sequer o enterraram novamente. Eles simplesmente o deixaram lá fora, ao lado da árvore. Tive que enterrá-lo duas vezes.

O lápis de Hale e seu queixo ficaram pendurados sobre o papel. – Desculpe, a senhora disse... A senhora quis dizer...?

- Não fique com essa cara tão chocada. – Ela mudou de posição na poltrona e o couro repuxou sua pele com um rangido. – Pelo menos eles não encheram o buraco de terra da primeira vez. A segunda foi bem mais rápida. Deixe-me fazer uma pergunta ao *senhor*, Sr. Quarter.

- Hale, por favor.

- Hale, como queira. Diga-me, quantos anos o senhor tinha quando a Praga surgiu?

O lápis dele estremecia, então ele o deitou sobre o caderno de notas e respondeu.

– Eu tinha quase seis anos.

- Era mais ou menos o que eu imaginava. Então o senhor era uma coisinha miúda. Nem mesmo se lembra, não é... de como era a vida antes do muro?

Ele virou a cabeça para a frente e para trás; não, não se lembrava. Não exatamente. – Mas eu me lembro do muro, quando ele foi levantado. Eu me lembro de vê-lo ser erguido, metro a metro, ao redor dos quarteirões contaminados. Todos os seus sessenta metros, ao redor de todas as vizinhanças evacuadas.

- Eu me lembro também. Vi tudo daqui. Dava para ver daquela janela dos fundos, perto da cozinha. – Ela acenou na direção do fogão, e de um pequeno portal retangular atrás dele. – O dia inteiro e a noite inteira por sete meses, duas semanas e três dias, eles trabalharam para construir aquele muro.

- É um cálculo muito preciso. A senhora sempre mantém a conta dessas coisas?

- Não – ela disse. – Mas é fácil de lembrar. Eles terminaram a construção no dia em que meu filho nasceu. Eu costumava me perguntar se ele não sentia falta disso, de todo o barulho dos trabalhadores. Era tudo o que ele sempre ouvia, enquanto eu o carregava – o bater dos martelos, o trincar dos formões. Assim que a pobre criança chegou ao mundo, o mundo ficou em silêncio.

Alguma coisa ocorreu a ela, e ela se endireitou na poltrona. A poltrona chiou.

Ela olhou para a porta. – Falando no garoto, está ficando tarde. Para onde será que ele foi? Ele normalmente já costuma estar em casa a esta hora. – Ela se corrigiu. – Muitas vezes ele já está em casa a esta hora, e está um frio dos diabos lá fora.

Hale se recostou no encosto duro de madeira de sua cadeira emprestada. – É uma vergonha que ele jamais tenha chegado a conhecer o avô. Tenho certeza de que Maynard teria ficado orgulhoso.

Briar se inclinou para a frente, os cotovelos apoiados nos joelhos. Apoiou o rosto nas mãos e esfregou os olhos. – Não sei – ela disse. Endireitou-se e limpou a testa com o braço. Tirou as luvas e jogou-as em cima da mesinha redonda e baixa que ficava entre a cadeira e a lareira.

- A senhora não sabe? Mas não há outros netos, há? Ele não teve outros filhos, teve?

- Não até onde eu sei, mas acho que não há como saber. – Ela se inclinou para diante e começou a desamarrar suas botas. – Espero que me dê licença – ela disse. – Estou usando estas aqui desde as seis da manhã.

- Não, não, não se incomode comigo – ele disse, e manteve os olhos na lareira. – Desculpe. Sei que estou me intrometendo.

- O senhor *está* se intrometendo, mas eu o deixei entrar, então a culpa é minha. – Uma bota saiu do pé dela com um estalo de sucção. Ela começou a pelejar com a outra. – E não sei se Maynard teria se importado muito com Zeke, ou vice-versa. Eles não são da mesma cepa.

- Zeke é... – Hale estava cheio de dedos, tateando em terreno perigoso, e sabia disso, mas não conseguia evitar. – muito parecido com o pai, talvez?

Briar não piscou, nem franziu a testa. Mais uma vez ela manteve aquele olhar de jogadora de pôquer firme no lugar enquanto removia a outra bota e a colocava ao lado da primeira. – É possível. O sangue pode dizer, mas ele ainda é só um garoto. Ainda há tempo para ele se descobrir. Mas quanto ao senhor, Sr. Hale, receio que vou ter que mandá-lo embora. Está ficando tarde, e daqui a pouco vai amanhecer.

Hale suspirou e assentiu. Ele havia forçado demais, e ido longe demais. Devia ter permanecido no assunto, na questão do pai morto – não do marido morto.

- Desculpe – ele disse ao se levantar e enfiar o caderno de notas debaixo do braço. Pôs o chapéu na cabeça, puxou o casaco apertado de encontro ao peito e disse:
- E obrigado pelo seu tempo. Aprecio tudo o que a senhora me contou, e se meu livro algum dia for publicado, sua ajuda será registrada.

- Claro – disse ela.

Ela fechou a porta para Hale, e ele foi embora noite afora. Ele se segurou para encarar o vento da noite de inverno, enrolando o cachecol ainda mais forte no pescoço e ajustando as luvas de lã.